



A experimentação de formatos e linguagens no jornal-laboratório: as edições regulares e especiais do *OutrOlhar*¹

Murilo Rodrigues ALVES²

Joaquim Sucena LANNES³

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

RESUMO

Instrumento imprescindível na formação em jornalismo, o jornal-laboratório pode inovar e conciliar edições especiais e regulares. Este trabalho pretende mostrar como as atividades que envolvem o fazer do jornal-laboratório *OutrOlhar*, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), foram divididas em dois tipos de produção: aquelas direcionadas ao público-alvo do periódico (alunos de escolas públicas de ensino médio da cidade) e outras que ampliaram o número de leitores a partir do enfoque proposto pela publicação especial. A diversificação no jornal-laboratório se mostra interessante não só para o público, que tem mais opções para se informar, mas também aos alunos do curso de jornalismo, pois novos desafios são colocados à prova. Destarte, tais atividades seguem o essencial no jornal-laboratório: não apenas fazer, mas refletir sobre o fazer.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, jornal-laboratório, jornalismo impresso, formação em jornalismo, jornalismo e cidadania

1 - INTRODUÇÃO

O jornal-laboratório é a oportunidade que os estudantes do curso de jornalismo têm de conhecer, na prática, a rotina da produção dos veículos de comunicação. Até chegar a esse momento, o aluno deve passar por uma carga de disciplinas teóricas que objetiva embasá-lo para as funções pragmáticas. Essa espera deixa frustrados muitos calouros que esperam encontrar, nos primeiros semestres, atividades práticas. A opção de postergar o exercício da profissão para os semestres finais, porém, é justificável, uma vez que primeiro é preciso uma formação humanística, com enfoque na área da comunicação, antes da vivência objetiva do jornalismo.

Mesmo que haja uma grande expectativa dos alunos de períodos iniciais para fazerem parte das equipes de redação dos jornais-laboratoriais, a maior parte daqueles que

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2010, na categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório (série). A confecção das edições do jornal-laboratório *OutrOlhar* estão incluídas entre os trabalhos da disciplina Jornal Laboratório II. Participaram da redação, diagramação, edição e revisão do jornal-laboratório, os alunos que atualmente estão no sétimo período de Comunicação Social/Jornalismo: Camila Caetano, Camila Campanate, Caroline Lomar, Daniel Fernandes, Diego Mendes, Diogo Rodrigues, Erik Oliveira, Felipe Pinheiro, Gustavo Paravizo, Hélio Assa-Fay, Jader Gomes, Jordana Diógenes, Kamilla Bitarães, Kelen Ribeiro, Kívia Oliveira, Lilian Lima, Lucas Gadbem, Lucas Guerra, Luiz Phellipe Souto, Luiza Sena, Maria Clara Amorim, Mayara Barbosa, Monizy Amorim, Murilo Araújo, Murilo da Luz, Nayara Souza, Olívia Miquelino, Paula Machado, Priscilla Fernandes, Rayza Fontes, Rodrigo Castro, Rodrigues Alves, Samantha Dias, Sávio Lopes, Talles Carvalho e Thiago Alves.

² Aluno líder do grupo e estudante do quinto período de Comunicação Social/Jornalismo, email: murilo.rodrigues@ufv.br

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo email: jlannes@ufv.br



já passaram por essas disciplinas reconhece que esse momento do curso é, ao mesmo tempo, excitante e angustiante.

Só para ficar em um exemplo: é excitante, por um lado, produzir para um veículo com público que vai além dos colegas de sala e do professor e que se manifesta quanto à qualidade do que é produzido. Ao mesmo tempo, é angustiante estar na posição de emissor de informações e fazer um trabalho que difira (no tema, no tratamento, na abordagem) de tudo que alunos e professores criticaram durante todos os semestres anteriores.

Dessa experiência, o estudante passa a reconhecer que os erros sempre acontecem no jornalismo. Ainda mais quando se trata da produção de alunos, futuros jornalistas. Mas, aqui está, sem dúvidas, a principal vantagem dos jornais-laboratórios: antes de mais nada, a redação é uma sala de aula. Os alunos podem viver e conviver com a rotina do fazer jornalístico, com a diferença de estarem numa redação laboratorial, onde o ensino não deve ser pautado somente pela prática, mas também pela reflexão, experimentação, discussão e análise, a partir de erros e acertos, de todos os passos, da indicação da pauta à distribuição.

Não se pode esperar que o aluno-repórter apenas cumpra a pauta desses veículos-laboratórios. É necessário que essas disciplinas também abordem, de forma reflexiva, qual a função do jornalismo na sociedade e que não se limitem a reproduzir o que os veículos de comunicação de um modo geral fazem. Até por uma questão de coerência: se a faculdade é o lugar onde mais se critica o que a mídia produz, ela não deve se prestar ao papel de reproduzir o que tanto rejeita.

Este artigo relata a experimentação dos alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa, na execução das atividades desenvolvidas para o jornal-laboratório *OutroOlhar*. Ele quer ajudar a refletir como a produção de quatro edições, duas regulares e duas especiais, foi oportunidade única para submeter à prova novos projetos, com a garantia de aprendizado no intercâmbio entre prática e teoria.

2 – OBJETIVO

A vivência da redação laboratorial é imprescindível na formação em jornalismo. Se extinguissem essas disciplinas dos cursos de comunicação, os alunos sairiam sem terem uma visão holística do processo jornalístico. Por isso, pode-se dizer que o jornal-laboratório é instrumento didático básico da faculdade.

Tal status é reiterado por diversos autores, uma vez que o veículo laboratorial tem por fim facilitar o acesso dos alunos à prática da profissão. Lopes (1989), no entanto,



defende que esse momento vai além da prática, pois exige uma imbricação com a teoria. "Nesses veículos, ao se fazer jornalismo, já está se aplicando um conjunto de aptidões e atividades que a formação universitária deve desenvolver. Como atividade culminante integrada, o órgão laboratorial não é apenas prática, mas teoria-prática em movimento" (LOPES, 1989, p. 36).

Vieira Júnior (2002), na mesma linha, propõe não só a reflexão, a partir da teoria, mas também a experimentação, pois “incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado” (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 72).

A experimentação, segundo Lopes (1989) atinge todas as etapas de produção, incluindo as possibilidades existentes no tratamento da linguagem, no processo de edição, nos aspectos gráficos. Para o autor, porém, é preciso respeitar alguns aspectos:

Quem faz, para quem, como fazer, o papel do professor, o papel do aluno, condições materiais, a abordagem, os temas, a forma, censura, circulação, distribuição, arquivo e pesquisa, discussão do trabalho realizado e dinamização da redação, entre outros. (LOPES, 1989, p. 51).

Pode-se dizer que Lopes, em outras palavras, defende o respeito ao projeto editorial da publicação, com as diferenças existentes por ser um veículo laboratorial. O autor afirma que, enquanto em qualquer jornal a linha editorial é definida pelos acionistas, no jornal-laboratório a questão é mais complexa: a responsabilidade fica por conta da escola, representada pelos professores e alunos. Por isso, é preciso um cuidado especial com o projeto. A definição do público e o respeito à periodicidade são fundamentais para que o leitor confie no veículo como fonte segura de informação.

Outra característica do jornal-laboratório é romper a barreira de um organismo acadêmico. Lopes (1989) argumenta que a linha editorial deve ser estabelecida a partir dos anseios da comunidade para garantir a independência frente à administração universitária, às tendências de grupos estudantis e aos interesses pessoais dos professores.

O mesmo posicionamento é corroborado por Vieira Júnior (2002), que advoga em favor do compromisso com o leitor, com a ética e com os direitos que regem as sociedades democráticas. O autor acredita que o jornal-laboratório é espaço privilegiado para essa formação, pois não pode perder de vista os anseios e comportamentos do leitor.

Se faz necessário lembrar que, em uma universidade pública, os custos da produção desses veículos são bancados pela sociedade, por meio de impostos. Aumenta-se, dessa



maneira, não só o papel de informar, mas também de formação. Viera Júnior (2002) resume: “Em verdade, o jornalismo é real e ativo porque, ao mesmo tempo em que reconstitui de forma minuciosa, criteriosa e verídica o fato jornalístico, possibilita ao leitor a enriquecedora e oportuna reflexão” (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 12).

Os objetivos deste artigo consistem, basicamente, em mostrar de que forma as características dos veículos laboratoriais serviram como alicerce no trabalho desenvolvido ao longo do fazer jornalístico do *OutroOlhar*. Antes de os alunos assumirem os papéis de pauteiro, repórter, editor, fotógrafo, diagramador, revisor, entre outros, foi preciso impregnar-se dessas teorias para não apenas fazer, mas refletir sobre o fazer.

3 – JUSTIFICATIVA

A prática laboratorial é um dos eixos fundamentais que devem ser contemplados pelo Projeto Pedagógico dos cursos de jornalismo. De acordo com as Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo, relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação (MEC) para reformular a formação na área, o eixo laboratorial tem por objetivo desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores.

Eduardo Meditsch, que participou da comissão, defende que os cursos de jornalismo devem ser “lugares de ‘aprender a aprender’ e de ‘ensinar a aprender’. Mas, principalmente, de ‘aprender a apreender a realidade’, a partir de um lugar profissional específico” (Meditsch, 2007).

O jornalismo, tenta, ou deveria tentar, compreender a realidade, dinâmica e complexa por natureza. A produção dos veículos laboratoriais serve como ocasião favorável para os alunos aprenderem a aprender a realidade, pois na busca de novos formatos e linguagens, o estudante, nas palavras de Rossi (1994), batalha pela conquista das mentes e corações do público.

Para vencer a “batalha”, os alunos do curso de jornalismo da UFV decidiram implementar dois tipos de formatos no jornal-laboratório *OutroOlhar*: edições regulares e especiais. Enquanto nas primeiras, os assuntos são delimitados pelos interesses do público-alvo (alunos das escolas públicas do ensino médio de Viçosa), nas especiais, abre-se oportunidade para projetos diferentes, com ampliação do público, sistematização e organização distintas. O trabalho em ambas permite ao aluno o aprendizado de diferentes



técnicas jornalísticas e a reflexão mais abrangente sobre os conhecimentos e habilidades exigidos na profissão.

4 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As edições de que trata este artigo foram produzidas dentro da disciplina Jornal Laboratório II. Ao se chegar à segunda cadeira dedicada ao jornalismo impresso, os alunos devem passar por uma carga de experiências teóricas e prática que permitem maior confiança para experimentações. No semestre anterior, na disciplina Jornal Laboratório I, os alunos-repórteres já tinham vivenciado as funções dentro de uma redação, além de terem passado por reflexões sobre o fazer jornalístico e terem tido contato com o público-alvo. Vale ressaltar também que desde o início do curso, os alunos passaram por disciplinas que lhes permitiram possuir um arcabouço teórico essencial nesse momento prático.

Nas edições regulares, os alunos são divididos em grupo, que correspondem às editorias do jornal *OutrOlhar*: Cidade, Ciência e Tecnologia, Comportamento, Cultura, Entrevista, Esportes, Meio Ambiente e Opinião. A divisão é feita pelo sorteio. Em seguida, cada grupo escolhe o editor responsável, sem a interferência do professor.

A primeira atividade do grupo, ainda dentro da disciplina Jornal Laboratório I, é uma pesquisa feita *in loco* com os leitores do jornal. Essa pesquisa é feita todo ano, com pequenas variações na metodologia. O objetivo é que os estudantes de jornalismo conheçam a realidade para aqueles que vão escrever.

O jornal-laboratório *OutrOlhar* tem como público-alvo os alunos de ensino médio das escolas públicas de Viçosa. A definição desse leitor está baseada na ideia já defendida aqui de que a universidade tem papel fundamental na sociedade. Em vez de focar numa linha editorial que ficasse presa ao universo acadêmico e dependente da direção da universidade, enfim, ao campus, o *OutrOlhar* optou por uma relação escola-comunidade, procurando voltar-se aos interesses da comunidade na qual estamos inseridos. Vieira Júnior (2002) corrobora essa opção quando defende que “a valorização de temas regionais mostra que o jornal-laboratório não é apenas um treinamento meramente laboratorial, mas que pode levar o aluno a se posicionar de forma crítica e refletir sobre a sociedade que o cerca” (VIEIRA JÚNIOR, 2002 p. 77).

Para isso, os estudantes de jornalismo fazem uma pesquisa nas escolas públicas para saber o que os alunos pensam sobre o jornal, quais as reportagens que sugerem, qual o tipo de abordagem que gostariam nas matérias, como a diagramação do jornal facilita ou dificulta a leitura, entre outras questões que são feitas.

A pesquisa ajuda o estudante de jornalismo a ter uma visão mais ampla de como pensa o seu público-leitor (um "outro olhar" da realidade em que ele se encontra), antes mesmo que ele escreva qualquer linha. Vieira Júnior (2002) critica cursos que adotam o jornal-laboratório apenas como exigência do MEC ou para satisfazer o ego do professor/orientador. O autor defende que para o jornal-laboratório deve ensinar ao estudante de jornalismo que ele não escreve apenas para o colega de sala ou para o professor, mas que tem um compromisso com o público.

A postura de pensar no público ao participar da rotina jornalística da edição do *OutroOlhar* deve continuar em todas as etapas do fazer jornal-laboratório. Depois da pesquisa, o próximo passo é a apresentação de uma pauta (proposta para reportagem, com possíveis ângulos e pessoas a serem entrevistadas), de acordo com a editoria. Nesse momento, cada um apresenta a sua pauta ao restante da turma. Essa dinâmica favorece que outros alunos deem sugestões tanto no enfoque quanto em relação a possíveis fontes, orientando e redirecionando se for o caso.

Na disciplina *Jornal Laboratório II* é permitido aos alunos apresentarem pautas em conjunto e sugerirem reportagens especiais, pois todos têm uma bagagem como repórteres. Dessa forma, cada editoria tem a possibilidade de apresentar uma cobertura específica de acordo com um tema que eleja importante para o público-alvo (como a infraestrutura das escolas na edição 22).

Em seguida, o estudante de jornalismo vai à rua para colocar sua pauta em execução. Aí sente na pele os desafios de coletar dados, encontrar fontes que sustentem a pauta, abordar novos enfoques de um tema recorrente e, por fim, transformar tanta pesquisa, dados e falas num texto que seja agradável ao leitor.

Com a reportagem à mão, é sugerido que, em cada editoria, seja feita uma leitura de todos os textos, para que os colegas sugiram alterações e até mesmo complementos para a publicação. A avaliação e reflexão são feitas entre os pares, colegas analisando a reportagem do outro, permitindo sugestões e críticas. Os textos também recebem a avaliação do professor da disciplina que parte da experiência de cada aluno para discutir, analisar e sugerir possíveis mudanças, sempre à luz das teorias antes estudadas. A avaliação, nesse caso, é individual, feita pelo professor.

O editor de cada editoria é responsável em pensar, juntamente com os alunos responsáveis pela diagramação do jornal, como as informações serão publicadas na página. Todo estudante entrega junto com a reportagem, sugestões de título, subtítulo, fotos, infográficos ou ilustração. Cabe ao editor decidir o que deve ou não ser publicado, de



acordo com as discussões dos alunos que pertencem à editoria. A ele também se espera que modifique o texto dos companheiros da editoria quando é necessário, que sugira outro título ou outra ilustração, caso seja preciso pela diagramação da página. O jornal-laboratório ainda passa por uma equipe de revisão, que trabalha juntamente com a equipe de diagramação, na tentativa de evitar erros ou distorções.

O trabalho, no entanto, não se resume a esses processos. Depois de impresso pela Gráfica da UFV, o jornal volta à sala de aula, e os estudantes de jornalismo se encarregam da distribuição aos leitores das escolas públicas de ensino médio em Viçosa, ainda orientados pelo professor. Nessa etapa, eles voltam a entrar em contato direto com os leitores. A produção do jornal não se esgota apenas quando se entrega a matéria. No corpo-a-corpo com os leitores, os alunos recebem uma avaliação imediata do trabalho que fizeram. É a avaliação do estudante de jornalismo, feita por seu leitor.

As edições especiais do *OutrOlhar* seguem, basicamente a mesma rotina de produção das edições regulares, com a diferença que a participação dos alunos nessas atividades não é obrigatória. Além disso, a cada edição especial, é feita uma ampliação do público-alvo, o que faz com que todo o trabalho seja adequado para a realidade em que ele está inserido. As edições especiais são intercaladas com as regulares. Da escolha do projeto editorial à edição das matérias, os alunos são responsáveis por todos os passos do processo jornalístico, contando com a orientação do professor da disciplina.

5 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Nesta parte, vale descrever resumidamente cada edição do jornal-laboratório *OutrOlhar* para mostrar a diversidade dos assuntos e a experimentação das linguagens. Além disso, o relato das atividades mostram como o *OutrOlhar* se pauta pela junção entre as prioridades do jornalismo engajado (políticas públicas, interesses sociais, respeito aos direitos humanos e à multiculturalidade) e as experimentações possíveis num ambiente que pretende ser uma redação-laboratório.

Edições regulares

Os dois exemplares produzidos no primeiro semestre do ano passado mostram de que forma os assuntos do *OutrOlhar* giram em torno de dois espaços: a escola e a sociedade, sendo que o primeiro está contido no segundo. Os assuntos de interesse dos



estudantes vão da micro-esfera colégio, onde passam grande parte do dia, até as questões pertinentes à sociedade como um todo.

Alguns destaques de cada publicação explicam melhor essa lógica. Na edição 22, se sobressai a reportagem especial sobre a infraestrutura das escolas. Fruto de um trabalho de investigação, os alunos da editoria Cidade visitaram cada escola pública de Viçosa, e ainda uma do distrito São José do Triunfo, para avaliar como estavam as condições dos espaços onde os alunos estudam. O resultado ganhou quatro páginas do jornal (de 8 a 11), com avaliações, fotos e textos que tiveram grande repercussão entre o público-alvo. A linguagem das reportagens foi trabalhada no sentido de fazer o aluno entender que um lugar adequado é um direito garantido por Lei, mas nem sempre cumprido.

Essa edição chegou, inclusive, a sofrer censura por parte de duas administrações dos colégios. Em uma escola, todos os exemplares do jornal foram recortados justamente na página que falava da condição do colégio, o que fez com que professores fossem à universidade em busca de edições intactas para distribuir aos alunos. Numa segunda escola, a edição 22 nem chegou a ser entregue aos alunos porque a direção da escola pôs fogo em todos os exemplares.

Por outro lado, a situação da escola de São José do Triunfo foi diferente. Uma sala improvisada num corredor, sem o mínimo de condições necessárias para a aprendizagem, foi desativada pela Superintendência de Ensino ainda quando o jornal estava sendo impresso, depois que a responsável pelo órgão foi cobrada durante a entrevista com os repórteres do jornal. Antes mesmo de ser entregue, a reportagem tinha conseguido o primeiro resultado positivo.

Na edição 23, o destaque vai da escola para a sociedade. O jornal faz um paralelo entre a estrutura urbana de Viçosa no passado (p. 11) e a do presente para mostrar de que forma a verticalização por que passa a cidade (consequência da especulação imobiliária devido à expansão da Universidade) traz sérias implicações ao meio ambiente (p. 7).

Entender o passado e analisar o presente são imprescindíveis para um futuro melhor (p. 16). Também é papel do jornalismo abordar de forma contextual os fatos, a fim de que o leitor possa encontrar subsídios para entender a realidade que o cerca. Os alunos são igualmente cidadãos que devem ser comprometidos com as transformações da cidade onde vivem.

Edições especiais



A cidade também foi o tema de uma das edições especiais. Partindo do próprio do nome do jornal-laboratório, a ideia foi mostrar a cidade sob novos ângulos. Não importa se cartões-postais ou cenas corriqueiras, o objetivo da publicação era mostrar o que passa despercebido aos moradores de Viçosa.

Na delimitação do público-alvo, foi decidido que, além dos alunos de ensino público, essa edição chegaria até a população de forma em geral. Por isso, o *Outro Olhar de Viçosa* foi entregue nas praças e ruas da cidade pelos estudantes que o produziram.

Esse exemplar foi essencial para a prática do fotojornalismo. As fotos ganharam não só as páginas dos jornais, como também uma exposição. Os repórteres assumiram o compromisso de retratar um tempo em evolução a partir da disposição dos elementos nas páginas e nos estandes, sendo que todas as etapas do processo foram feitas pelos alunos.

A edição especial *Vestibular* também amplia o público-alvo das edições regulares. Não só os alunos das escolas públicas de Viçosa, como também estudantes de outros colégios e de outras cidades receberam o exemplar que serve como um guia de auxílio para os vestibulandos. Foi a segunda vez que a turma ficou responsável por fazer um jornal especial para os futuros calouros. Na primeira oportunidade, as reportagens trataram de como é a vivência em uma universidade.

Agora, a equipe responsável pela edição especial decidiu mostrar aos alunos do ensino médio que a universidade não se limita às atividades dentro da sala de aula. Estágios, monitorias, projetos de pesquisa e extensão: os alunos do ensino médio receberam um guia de como a experiência universitária fica mais rica quando se faz atividades extracurriculares, em todas as áreas do conhecimento.

O objetivo dessa edição era se diferenciar das outras publicações do tipo que geralmente colocam à disposição do vestibulando as disciplinas de todos os cursos para, a partir deles, ele escolher o que mais se enquadra. Em vez disso, a opção foi mostrar quais atividades ele pode desenvolver na universidade para colocar tudo o que aprende teoricamente na sala de aula em prática.

Apesar de terem semelhanças e fazerem parte de uma mesma lógica de produção, as edições regulares e especiais se mostram diferentes pelo público-alvo (as especiais sempre ampliam o número de leitores) e pela possibilidade de experimentações nos formatos e linguagens, como aconteceu na edição de fotografias e na do vestibular.

O trabalho nas duas, porém, é complementar para a principal função do veículo laboratorial: servir de elo entre os alunos e a futura profissão. Ao colocar em prática todos os conhecimentos, experiências e ideias, os alunos erram e acertam, como os profissionais



de fato. Essa prática permite que eles entendam a gravidade dos erros e a contribuição dos acertos. Enfim, se tornem mais conscientes da profissão.

6 – CONSIDERAÇÕES

A formação de futuros jornalistas deve levar em conta tanto o embasamento teórico e a fundamentação humanística, necessários para a prática da profissão, como atividades práticas, nas quais os alunos poderão conviver com situações jornalísticas corriqueiras numa redação. Elas são oportunidades ricas para que os alunos não só vivenciem à flor da pele a rotina dos jornalistas, mas também para que possam ter a oportunidade de refletir, juntamente com o professor, diante do suporte teórico.

Com este trabalho, esperamos ter relatado como as atividades para desenvolvimento do jornal-laboratório *OutroOlhar*, na Universidade Federal de Viçosa, contribuíram para que alunos conseguissem aprender, na prática, como é o trabalho cotidiano do fazer jornalístico: os desafios da apuração, a confecção da notícia, a diagramação da página para facilitar a leitura e tornar o jornal atrativo.

Além disso, mostrou que um jornal-laboratório pode e deve experimentar novos formatos e linguagens. Eles são responsáveis por trazer uma diversificação nos temas, assuntos e abordagens, fazendo com que, já na faculdade, o aluno tenha contato com desafios sempre presentes nas redações.

REFERÊNCIAS

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório** - Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Sumus, 1989.

MEDITSCH, E. B. **Novas e velhas tendências:** os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, v. 1, p. 41-62, 2007.

MORAES, ARY. **A forma da notícia.** In: **Edição de imagens em jornalismo.** Edunisc, Santa Cruz do Sul, 2008.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório.** Tese de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.